

6.<sup>a</sup>—Duas mós luso-romanas, importantes pelo mesmo motivo da anterior. Uma é proveniente de excavações feitas no adro da igreja do Loureda, de onde também é o sarcophago supra; o que a torna duplamente curiosa. Dá-nos o typo commun dos castros. A outra procede de uma estação lusitano-romana (*Antr'os-castros*) da freguesia de Santa Vaya, e é menos vulgar a sua fôrma; talvez represente um estadio na serie das *molae manuariae*; consiste num cylindro alto, pesado e pouco portatil.

7.<sup>a</sup>—Alguns exemplares de *lateres* e *tegulae*, procedentes de uma necropole de epoca ou francamente romana ou já medieva; não se colheram por enquanto seguros elementos determinativos.

A reunião d'estas antigualhas no Museu Ethnologico Português não é pois uma simples arrecadação de cousas antigas, que noutra logar poderiam extraviar-se, quando antes não fosse, pelo menos á minha morte (*quod Deus avertat*); e, relevem-me mais um parenthese—este é o grande senão das collecções particulares e dos pequenos museus municipaes; mas o facto em si representa bastante mais, porque adduz, entre outros, alguns elementos de grande valia para o estudo de uma epoca historica, tão pobre de reliquias no nosso país, como rica na Gallia, qual é todo o largo periodo barbaro ou germanico, desde os seus primeiros rebates até aos tempos em que a influencia da civilização, que elle produziu, ainda se reconhece mais ou menos.

De todas estas antigualhas se dará opportunamente desenho nas paginas d'este archivo.

Fevereiro de 1903.

FELIX ALVES PEREIRA.

### A freguesia de S. Christovam de Nogueira (concelho de Sinfães <sup>1</sup>)

O artigo que se segue, composto de varios capitulos, é extrahido de um periodico de Sinfães. Foi o meu prezado amigo o Sr. Christovam Pinto Brochado, da casa de Valbom (Sinfães), quem me offereceu os exemplares do periodico para eu fazer a transcrição. O artigo saiu em folhetins; só aproveito aqui, porém, o que tem interesse archeologico. A não ser a divisão em capitulos, os tí-

<sup>1</sup> A orthographia exacta d'este nome, justificada por antigos documentos, é *Cinfães*, com *C* (vid. Pedro A. de Azevedo, n—*O Arch. Port.*, iv, 202); mas adopto a orthographia com *S*, para seguir a que está geral e oficialmente adoptada.

tulos d'estes, uma ou outra leve correcção e um pequeno acresciento entre colchetes no cap. III, — modificações que entendi dever introduzir —, tudo o mais pertence ao autor (anonymo) do artigo. As notas e os appendices são tambem juntos por mim.

J. L. DE V.

### I. — Notícia geral

A freguesia de S. Christovam de Nogueira é sita na margem esquerda do Douro, na encosta septentrional da serra do seu nome, a 30 kilometros a O. de Lamego e 48 a E. do Porto.

Tem 710 fogos; em 1757 tinha esta freguesia apenas 42 fogos.

Foi antigamente villa e couto, com termo proprio e competentes justicas.

Depois passou a fazer parte do concelho de Sinfães, comarca de Resende; e, quando em 1855 foi criada a comarca de Sinfães, ficou pertencendo a esta comarca.

O seu orago é S. Christovam, e diz-se de «Nogueira», porque, segundo a tradição popular, a igreja esteve primitivamente no campo de Nogueira, sito entre os logares de Nogueira e do Seixedo, de onde talvez por causa da humidade do solo a mudaram para o logar enxuto, onde está com o mesmo nome.

E lá está em baixo o campo de Nogueira com a configuração de um adro, circuitado de estradas por todos os lados.

É muito antiga a igreja de S. Christovam, e esta antiguidade revela-se pelas suas cornijas, onde se mostram figuras em alto relevo que representam animaes e outros objectos.

Quanto á capella-mór, porém, sabe-se que foi mandada construir pelo Marquês de Bellas, que era o commendador da freguesia, de onde recebia os dizimos, e que gastou na construcção d'esta capella cinco mil cruzados.

A imagem de S. Sebastião, existente na igreja de S. Christovam, foi avaliada por um escultor em 200 libras, e é tambem de grande valor a cruz de prata, que é a segunda do concelho.

E, falando-lhe da igreja, devo mencionar-lhe tambem as capellas d'esta importante freguesia; e são as seguintes:

A de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Ermida, na quinta da Ribeira; a da Senhora da Hora, em Merilhe; a de S. Liborio, na quinta da Grova; a de S. Miguel Angelo, na casa e quinta da Granja; a de Santo Antonio (publica), no logar do mesmo nome; a de Santa Maria José, na quinta da Raposeira; a de S. José, na quinta do Coval; a de Santa Luzia, em Outeiro de Lobos; a da Senhora de Cadiz, em Velludo; a da Senhora da Conceição, em Villa Nova; a de S. Bento, em Louredo, hoje demolida;

a da Senhora da Piedade, no logar do Temporão; a de Santo Ovidio, na quinta dos Cedros; a do Senhor dos Passos, que é o calvario; a de S. Lourenço (publica), no logar de Villar; e finalmente a da Senhora de Cadiz, antiquissima, espaçosa, e que foi igreja, e ainda hoje é pertença, das duas freguesias: de S. Christovam de Nogueira e de S. Tiago de Piães.

Tem esta ultima capella 3 altares, côro e pulpito, um adro razoavel e ao lado do sul uma casa antiquissima, destinada para residencia parochial, e onde repousavam as pessoas que de longes terras vinham fazer suas novenas a esta capella. Suppõe-se<sup>1</sup> que foi mandada construir por D. Egas Moniz, quando residiu em Crosconha, logar proximo, da freguesia de Piães, e quando nessa freguesia não existia a igreja actual, que tem apenas cento e tantos annos desde a sua construcção. Na capella da Senhora de Cadiz fazem-se annualmente duas festividades: uma no dia 25 de Março, outra no dia da Ascensão. Em um anno os habitantes de S. Christovam fazem a festividade de 25 de março e os de Piães a da Ascensão, e em outro anno os de Piães fazem a festividade de 25 de março e os de S. Christovam a da Ascensão, nomeando cada uma das duas freguesias os mordomos para a festividade a seu cargo. No dia da festividade vae ali uma procissão de cada uma das seguintes freguesias: Nespereira, Fornellos, Momenta, Tarouquella, Piães, S. Christovam. E tambem em tempo ia da igreja de Sinfães em procissão o padroeiro S. João Batista no seu andor; mas, sendo mau e longo o caminho, e sobrevindo uma tempestade na occasião em que seguia de Sinfães para Cadiz a procissão, e mettendo em uma corte de gado o santo por não acharem outro logar de abrigo, foi este facto o incentivo de uma grave murmuração do povo, e de acordo com o ordinario supprimiu-se esta procissão para evitar a repetição do facto exposto. Ao lado da igreja, no dia da festividade, realiza-se um vasto mercado de gado bovino e de objectos commerciaes. Afflue ali numeroso concurso de romeiros, e uma variedade de typos e trajos, principalmente do sexo feminino, que não será facil encontrar-se em outra parte.

Tem a freguesia de S. Christovam, alem de pequenas nascentes, dois ribeiros importantes: o primeiro separa esta freguesia da de Piães, sendo commum de ambas, e nasce em Crestello e une-se em Barreiros com outro braço que nasce no monte proximo de Villar de Arca, com

<sup>1</sup> [É, como me parece, mera supposição, sem fundamento algum historico em que se apoie. — J. L. de V.]

duas pontes de pedra: uma de Barreiros e outra no sítio do Prado; e tinha uma outra em Villa Verde, que uma cheia abundante demoliu, ha bastantes annos, e ainda não foi reconstruida. E tem outro ribeiro, que nasce em dois pontos differentes, ao nascente e poente do logar de Villar, unindo-se perto do logar de Joazim, onde tem duas pontes de pedra, e tinha outra no logar de S. Paio, que as aguas ha poucos annos arrasaram, e tem uma ponte de pedra nova no sítio do Cabril, e tem outra antiquissima no logar de Louredo. E ambos vão desaguar no rio Douro.

Tem predios magnificos, começando pela quinta da Granja: a quinta do Outeiro, a de Villa Nova, a de Velludo, a da Carvalheira, a de Portella, a da Raposeira e a do Coval.

Existem nesta freguesia vestigios de antiguidades historicas, taes que fazem suppor que esta foi uma das freguesias da comarca primeiro povoadas, como se revela pelas sepulturas, fornos, moedas, inscripções, que nas escavações em sitios diversos tem apparecido, e que bem mereciam ser visitados e estudados pelos archeologos ou antiquarios.

## II. — Os Moimentos

Na freguesia de S. Christovam de Nogueira existe grande numero de sepulturas abertas em rocha, semelhantes a um dos nossos esquifes. Cada rocha contém ordinariamente duas sepulturas parallelas; e no logar onde deve ficar a cabeça existe uma communicação entre as duas sepulturas, de onde pode deduzir-se que nestes povos dominava a crença de que podiam manter relações uns com os outros ainda depois da morte. É tambem muito provavel que estas sepulturas fossem destinadas a marido e mulher, ou a parentes mais proximos.

O Instituto de Coimbra tentou, por indicação do nunca esquecido Augusto Brochado, filho do nosso amigo sr. Francisco Pinto Brochado, então estudante da Universidade, obter uma d'essas sepulturas, sendo d'isso especialmente encarregado o fallecido Sr. Dr. Augusto Filipe Simões; mas a difficuldade do transporte não permittiu a realização d'aquelle intento do Instituto referido.

Ao logar occupado por estas sepulturas chama o povo «Mementos», talvez corrupção da palavra Moimentos.

## III. — Castello de S. Paio

Perto de ahi, havendo de permeio o ribeiro de S. Paio, existe o *Castello de S. Paio*, que é um outeiro, tendo ainda no cimo o resto das



pedras que circundavam esse mesmo cimo, formando ali, segundo tradição, um castello.

O povo liga, tanto aos Mementos como ao Castello de S. Paio, muitas lendas e tradições.

Falando d'este ultimo, disse o distincto escritor Sr. F. Martins Sarmiento em 1882<sup>1</sup>:

«Sou capaz de jurar e até de apostar que o Castello de S. Paio não é outra cousa mais que uma povoação de origem pre-romana, do typo da Citania e de tantas outras que tenho encontrado, quer no Minho quer na Beira».

E ainda ha poucos annos, quando se procedeu á abertura dos alicerces para a nova torre da igreja de S. Christovam, lá appareceu intacta uma sèpultura antiquissima, de que nenhuma das pessoas vivas tinha conhecimento.

Na estrada que da igreja segue para Valbom está uma cruz com a seguinte inscripção: «Aqui mataram João da Fonseca Chaves». E da tradição consta que o morto era juiz da freguesia, quando tinha auctoridades proprias para o julgado, que constituia; que estando para julgar um feito entre dois litigantes, um d'elles mandou ao juiz um cantaro de azeite de presente: mas o outro mandou ao juiz um porco. A sentença foi favoravel ao litigante que mandou o porco ao juiz, e, queixando-se-lhe o litigante condemnado da sentença, e principalmente por lhe ter mandado um cantaro de azeite, o juiz respondeu: «Era realmente muito bom o presente do azeite, mas o porco com o focinho tombou o cantaro do azeite, que se perdeu, e eu entendi que era aviso para dar a sentença a favor do litigante que mandou o porco». O litigante condemnado, ardendo em indignação contra o juiz, carregou uma espingarda para o matar; mas invocou antes a intervenção divina para permittir que a espingarda negasse fogo na hypothese de ter sido justa a sentença. E, como apontando e desfechando contra o juiz, este caisse morto, ficou o litigante convencido de que fôra justa a morte, porque fôra injusta a sentença. É, porém, moderna esta inscripção da cruz que está na referida estrada no sitio chamado da «Cruz Pequena».

Mas nas escavações operadas no logar de S. Paio e nas immedições da ponte, hoje demolida, e que, ha poucos annos, existia no ribeiro do mesmo nome perto do referido logar, tem apparecido inscripções antigas, ainda que incompletas, porque a acção do tempo e a mão dos vandalos as tem destruido.

<sup>1</sup> [A carta a que este trecho pertence transcreve-se adeante na integra].

E ali vae uma ligeira amostra:

1.<sup>a</sup>

IMP. AVGVSTO

SAC. .... MP

2.<sup>a</sup>

... DIVI ...

... VBLICE

... VLIVS

3.<sup>a</sup>

... LOV ...

... MAP ...

O Sr. Manoel Cardoso Mendes, proprietario e lavrador, residente no referido lugar de S. Paio, disse-nos que muitas outras inscrições havia naquelle sitio, mas foram destruidas por uns pedreiros, quando aproveitaram as pedras para umas construcções urbanas <sup>1</sup>.

Conta-se que os Mouros foram expulsos de S. Paio por S. Tiago, que para conseguir esse fim se serviu do seguinte estratagemas: reuniu uma grande quantidade de bois e cabras, amarrou-lhes archotes nos chifres, accendeu-os (de noite) num campo conhecido pelo nome de *Chãos*, que fica fronteiro ao Castello, e caminhou em direcção á povoação. Os Mouros, julgando-se atacados por um exercito formidavel, fugiram, deixando, sem combate, a povoação em poder do inimigo. Talvez, porém, esta tradição não seja mais do que a reproducção dos seguintes factos historicos:

1.<sup>o</sup> Quando Gedeão se encarregou de dar batalha aos Madianitas, reuniu 300 combatentes, a cada um dos quaes deu sua trombeta e um cantaro vazio com uma lanterna accessa dentro, e disse-lhes: Fazei o que virdes fazer; eu entrarei por um lado do campo, ide em meu seguimento; quando eu tocar a minha trombeta, tocae tambem as vossas, e chamae em chusma ao redor do campo: «Ao Senhor e a Gedeão». Entrou, pois, Gedeão com os 300 combatentes por um lado do campo, pela volta da meia noite. Ao sinal dado por Gedeão, quebraram os cantaros uns contra os outros, e tomando as lanternas na mão esquerda e as trombetas na direita, gritaram juntos: «A espada do Se-

<sup>1</sup> [As inscrições precedentemente transcritas estão hoje no Museu de Guimarães. — J. L. de V.]

nhor e de Gedeão». Immediatamente todo o campo dos Madianitas se pôs em desordem, e, dando gritos, fugiram espavoridos e se mataram uns aos outros com as espadas. E Gedeão, só com 300 combatentes, por este estratagemma conseguiu desbaratar os Madianitas.

2.º Querendo Samsão fazer todo o damno possível aos Philisteus, e havendo muitas raposas na Palestina, auxiliado por alguns de seus amigos, agarrou 300 raposas, que ajuntou pelas caudas, duas a duas; atou-lhes uns fachos, pegou-lhes fogo e largou-as nas searas dos Philisteus. E não só estas se queimaram, porque estavam proximas á ceifa ou já ceifadas, mas as vinhas e olivae foram tambem presa das chammas.

3.º Ardendo a segunda guerra punica, depois das batalhas alcançadas por Annibal contra os Romanos, passou-se o mesmo Annibal com o seu exercito para a Italia inferior, e tendo-se visto cercado por todos os lados pelo general romano Fabio Maximo Cunctator, tomou em uma noite um numero consideravel de bois, atou-lhes aos chifres archotes, e, accendendo-os, soltou de noite contra o campo de Fabio esses bois, que puseram em fuga os soldados romanos; e, roto o cêrco, escapou Annibal e seu exercito do laço armado por Fabio.

Os primeiros dos factos expostos são da historia sagrada, o ultimo é da historia romana, e, como estes, podiamos citar outros factos da historia universal.

Mas pela primeira inscripção vê-se que a povoação de S. Paio é anterior á invasão arabe, de cuja dominação não temos amostras de vestigios naquelle logar.

Conta-se tambem que os Mouros construíram uma estrada subterranea, que partia do castello de S. Paio e terminava no Poço Negro, que fica no ribeiro dos Cabris, proximo da Ponte Nova. Esta estrada servia-lhes para levarem os cavalloos a beber ao ribeiro dos Cabris. E ao lado d'este poço existe uma especie de furna, que servia, segundo se conta, para os Mouros darem de beber aos cavalloos sem serem vistos pelo inimigo.

[Diz um roteiro]:

«No sitio de S. Pelaio, defronte do ribeiro fragoso, onde tomam banhos as pessoas atacadas de molestias chronicas, onde está uma agua fria e mui gostosa, que vae por canos de bronze, para a ermida do castello (existem ainda vestigios de um templo pagão em S. Paio), ao lado poente está uma pedra com uma maceira pintada (existe esta pedra, que tem gravada em baixo-relevo uma figura rectangular) e distante d'ella tantos passos á romana, caminhando para o norte, está uma fortuna enterrada».

Munido d'este roteiro veiu áquella antiquissima povoação um individuo de Amarante, que se offereceu ao Sr. Antonio Cardoso Mendes, proprietario do predio em questão, para tirar a supposta fortuna e dividi-la com elle. O Sr. Mendes oppôs-se a que o tal individuo escavasse o terreno, porque tambem em vida de seu avô, chamado Manoel Mendes Leitão, ali veiu um individuo de Lamego, munido de um roteiro igual, e guiado pelo Sr. Mendes encontrou o logar nelle indicado. Logo que encontrou o logar indicado no roteiro, pediu ao dito Mendes que fosse a Sinfães (3 kilometros de distancia, pouco mais ou menos) comprar comestiveis e vinho; porque precisavam de comer e beber, attento o dispendio de forças no trabalho da escavação. O Mendes da melhor fé foi a Sinfães comprar comestiveis e vinho; mas, quando voltou, já o individuo se tinha retirado do local com um macho carregado, deixando o terreno revolvido e um tumulo a descoberto, de onde por certo extrahira alguma fortuna. Do contrário, esperaria para comer e beber o que tinha mandado buscar a Sinfães. Este tumulo existe ainda e está á porta de Margarida Mendes, de S. Paio. X

Existem em S. Paio algumas mós, semelhantes ás actuaes, com o diametro aproximado de 0<sup>m</sup>,44 e medindo na sua maior espessura 0<sup>m</sup>,05. Tem na parte central superior um pequeno orificio com 0<sup>m</sup>,04 de profundidade e com esta fórma: U; por certo era destinado á introdução de qualquer instrumento que facilitasse a trituração dos cereaes.

Tem apparecido em S. Paio consideravel quantidade de columnas artisticamente lavradas, parte das quaes são destruidas pelos habitantes de ali, que as partem para pedaes de canastros ou espigueiros. Ainda ha poucos annos foi encontrado um forno e uma lareira de tijolos em perfeito estado de conservação, na occasião em que se realizou uma sorriba. Foi destruido, e os tijolos, que tinham 0<sup>m</sup>,08 de espessura, foram vendidos segundo nos informou pessoa fidedigna.

Existem ali vestigios de construcções, das quaes uma ainda em estado regular. E é consideravel a quantidade de tijolos, telhas e carvão, que em uma extensão importante ali são encontrados, o que faz suppor que a povoação de S. Paio, cujo nome primitivo se ignora, foi importantissima. Escavando em qualquer sitio, encontra-se pedra muito bem trabalhada e restos de edificações.

O actual logar de S. Paio e o do Temporão são construidos de pedra, tirada do morro do Castello, assim como os socalcos que vedam as propriedades sitas naquellas immediações. Ainda hoje existe no morro do Castello grande quantidade de pedra aproveitavel. Proxima d'este morro existe a eira do Castello, formada de um calhau enorme e ladeada por outros dos quaes alguns tem orificios abertos em linha



recta, que talvez fossem feitos para os quebrar. Na eira do Castello tambem existem buracos de dimensões varias e todos d'esta fórma: U.

Tem apparecido muitas moedas antigas em S. Paio (ainda não examinámos nenhuma), e algumas estão em poder do nosso amigo Sr. Guilherme Pereira Barbedo, segundo nos informam. E tambem ali são frequentemente encontrados pequenos fragmentos de cobre. As telhas encontradas ali são semelhantes ás francesas<sup>1</sup> e d'ellas existem milhares de fragmentos. E tambem tem apparecido ali e existem ainda certos caracteres [?] gravados em calhaus. E o nosso amigo Mendes, de S. Paio, procedendo ha pouco a uma escavação, encontrou um prumo de pedreiro, artisticamente feito de uma joga do rio<sup>2</sup>.

#### IV.—João Manoel Brandão

Nesta freguesia de S. Christovam houve homens muito notaveis, como por exemplo João Manoel Brandão, do logar do Seixedo, que pela sua bravura na guerra da liberdade mereceu a commenda da Torre Espada, que lhe foi conferida.

(D-A *Justiça*, n.º 51 a 55, Abril a Maio de 1898).

#### Appendice ao artigo precedente

##### a) AUGUSTO BROCHADO.

Como a cima se fallou d'este desventurado moço, fallecido na flor dos annos, aqui reuno algumas noticias bio-bibliographicas a seu respeito, as quaes organizei com o concurso de seu irmão, e meu prezado amigo, Christovam Pinto Brochado.

Nasceu Augusto Brochado (ou *Augusto Pinto Brochado*) na casa de Valbom, freguesia de S. Christovam de Nogueira, no dia 1 de Outubro de 1862, e ahi falleceu a 31 de Dezembro de 1885. Depois de ter estudado preparatorios em Lamego e no Porto, matriculou-se em 1881-1882 no 1.º anno da faculdade de direito da Universidade de Coimbra. Era alumno do 4.º anno d'aquella faculdade quando morreu, não chegando a fazer acto por a doença que o victimou o impedir.

Escreveu as seguintes poesias:

*No inverno* e *A. D. M. S.*, publicadas em os n.ºs 1 e 2 d'«O Estudo», jornal dos academicos lamecences, respectivamente de 1 e 15 de Dezembro de 1878;

<sup>1</sup> [I. é, telhas de rebôrdo ou *tegulas*].

<sup>2</sup> [Este objecto foi-me offerecido pelo Sr. Mendes para o Museu Ethnologico. Será figurado e descrito noutra occasião.—J. L. de V.].

*Epicedio*, no «Almanach de Lembranças» de 1883;

*Luizita*, no «Almanach das Senhoras» tambem de 1883.

Escreveu os seguintes artigos litterarios:

*O pae do major Serpa Pinto*,—publicado no «Almanach de Lembranças» de 1885 e em o n.º 253, de 4 de Novembro de 1883, d'«O Commercio Português», do Porto, de onde foi transerito para os n.ºs 81 e 82 de «La Illustración Ibérica», de Barcelona, de 19 e 26 de Julho de 1884;

*Os velhos*,—publicado no «Almanach de Lembranças» de 1886;

*Antiguidades*,—publicado no «Almanach Illustrado Litterario e Charadistico», de Estremoz, do anno de 1886;

*Propaganda de instrução para portuguezes e brasileiros*,—publicado na «Revista de Estudos Livres», de Lisboa, anno de 1884 a 1885, e em o n.º 97 do «Commercio Português», de 27 de Abril de 1884;

*O Dr. A. Filippe Simões*,—publicado em o n.º 34, de 10 de Fevereiro de 1884, do «Commercio Português», no «Lavrador», de Lisboa, n.º 2 de 15 de Janeiro, e em «O Novo Diario dos Açores», de Ponta Delgada, n.º 409, de 29 de Fevereiro, ambos de 1884;

*A instrução secundaria*,—publicado em o n.º 88 d'«O Commercio Português», de 18 de Abril de 1863;

*Os pobres doidos!*,—publicado em o n.º 126, de 1 de Junho de 1884, do «Commercio Português»;

*Os gafanhotos*,—no citado jornal, n.º 212, de 11 de Setembro de 1884;

*As escolas officiaes*,—no citado jornal, n.º 224, de 28 de Setembro de 1884;

*Fr. Joaquim Forjaz*,—no citado jornal, n.º 294, de 21 de Setembro de 1884;

*O Cemiterio*,—no citado jornal, n.º 253, de 1 de Novembro de 1884, e em o n.º 4 d'«A Illustração de Portugal», de 24 de Janeiro de 1885;

algumas linhas a proposito do Marquês de Pombal,—no jornal «Sciencia para todos», de Lisboa, n.º 17, de 6 de Maio de 1882;

*A Calderon*,—no «Atheneu», n.º 8 de 25 de Junho de 1880.

Foi director litterario do jornal academico «A Mocidade», que viu a luz da publicidade em 1880, no Porto, e collaborou em todos os numeros, inclusivè n-«A Mocidade a Camões», número com que o jornal terminou em 10 de Junho do mesmo anno.

Pouco antes de fallecer estava publicando uma obra intitulada *Ideia geral do systema de Philosophia Positiva*, de que apenas saíram a lume dois fasciculos.

Não é sem saudades que relembro aqui o nome de Augusto Brochado, a quem me ligavam íntimas relações de amizade, e a quem devi certo auxilio nos meus estudos ethnographicos, pois me enviou muitas colleções de tradições populares, sobretudo do concelho de Sinfães. Citei por isso o seu nome em alguns dos meus trabalhos, como *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pag. 12, e *Ensaaios ethnographicos*, II, 31, nota 2.

Se Augusto Brochado não morresse tão novo, é provavel que tivéssemos nelle um dedicado amigo da archeologia, pois, como veremos das cartas transcritas adeante, Martins Sarmiento tinha-o incitado aos estudos archeologicos.

### b) A RESPEITO DOS MOIMENTOS.

Em fins de Setembro de 1900 estive no concelho de Sinfães, e facilitou-se-me o ensejo de visitar os moimentos que ficam ao pé da aldeia da Seara, na freguesia de S. Christovam de Nogueira, em um campo chamado por isso *dos Moimentos*, na pronuncia popular *muimentos*.



Fig. 1.ª — Sepultura da Moimenta

As sepulturas estão abertas na rocha natural (de granito); umas são da fôrma representada na fig. 1.ª, outras são rectangulares. Na beira de uma d'ellas está gravada uma pequena cruz, o que teria especial significação se fosse antiga; mas nada posso dizer da epoca. Os moimentos são em grande numero; muitos estão já destruidos. Constituiam pois vasto cemiterio. No campo, em volta d'elles, não apparecem objectos archeologicos. — A palavra *moimento* vem do latim *monimentum* = *monumentum*; no onomastico portuguez encontra-se tambem *Moimenta*.

Como illustração do assunto, transcrevo para aqui parte de uma carta que o fallecido archeologo F. Martins Sarmiento escreveu a Augusto Pinto Brochado, em data de 3 de Fevereiro de 1882:

«As sepulturas abertas em rocha são entre nós vulgares. Tenho-as encontrado de várias formas. As mais vulgares, entre as vulgares, são do feitto de um =esquife de pau=, com a differença de terminar do lado da cabeça por uma cavidade semicircular, precisamente para a cabeça do cadaver, e não ser da extremidade opposta em angulos rectos. São pouco mais ou menos da fôrma representada na fig. 2.ª



Fig. 2.ª — Typo de sepulturas abertas em rocha

Attenta a variedade de fôrmas que tenho encontrado, e ás vezes em monumentos a par uns dos outros, parece-me que as de Sinfães

entram na mesma categoria. A sua característica é, se me não engano, o serem cavadas na rocha.

A que epoca elles pertencem é o que nunca pude saber, porque não tenho noticia de objecto algum nelles apparecido que dêsse luz para uma supposição chronologica.

Mas o que é evidente, attenta á fôrma mesma da sepultura, é que ellas pertencem a uma epoca em que o enterramento dos cadaveres substituiu o antigo processo de cremação, ou de incineração, indicando um novo uso e costume. *A priori* podia pensar-se no christianismo; mas isto não passaria de uma hypothese, e de hypotheses estamos nós cheios. Como sepultura christã, era de esperar encontrar algum symbolo d'esta religião; mas este symbolo podia ter sido gravado na tampa, e eu ainda não vi uma só tampa, nem sei que alguém a visse.

Tudo isto serve para confirmar que nada sabemos, e que temos muito que aprender. V. Ex.<sup>a</sup> que tem a fortuna de poder estudar de perto os —mementos— da sua terra natal, poderá, depois de os examinar com attenção e recolher as tradições de que elles são objecto, poderá, digo, dar conselhos, em vez de os pedir. Eu folgaria immensamente em collaborar na decifração do enigma; mas estou longe, e não me falta que fazer pela minha provincia, onde as antiguidades tambem são aos montes.

Folgaria muito ainda assim em conhecer as tradições de que me falla e quantos factos possam relacionar-se com estas antiguidades, bem como a noticia de quaesquer outras.

Ha tão pouca gente a trabalhar nesta vinha, que os poucos obreiros que a cultivam tem quasi necessidade, senão obrigação, de communicar uns aos outros o resultado dos seus trabalhos e as ideias que elles lhes suscitam».

### c) A RESPEITO DE S. PAIO.

Pelos arredores da aldeia de S. Paio apparecem muitas antigualhas. No campo chamado *O Santo* encontrou-se, como ouvi, uma pia de granito que foi evidentemente sepultura; mede de comprimento, *a b*, 2<sup>m</sup>,17 e de largura, *c d*, 0<sup>m</sup>,72; teve tampa, que se perdeu. Esta pia sepulcral está em poder de um aldeão de S. Paio <sup>1</sup>.—No campo do Porta Bandeira, pertencente ao Sr. Manoel Cardoso Mendes, ha muitos fragmentos de *tegulas*, e todo elle está cheio de cacos antigos

<sup>1</sup> Supponho que é a ella que se refere a noticia que se lê supra a pag. 62.



de toda a especie. Nelle se encontraram tambem mós e pesos de pedra, que o mesmo Sr. generosamente offereceu ao Museu Ethnologico. — Tanto neste campo, como noutros vizinhos, se descobrem a cada passo pedras lavradas, restos de antigas edificações.

O *castello* ou «castro» fica perto. É um morro pequeno que se destaca mais ou menos em meio dos campos. Mal podia ter sido povoação pre-romana, por causa das suas deminutas dimensões, mas foi certamente refugio. Tem ainda *in loco* uns lanços de muralha de pedra (*opus incertum*); o resto está destruido, vendo-se no logar d'ella grandes accumulações de pedras que circuitam o castro em parte da extensão



Fig. 3.ª  
Base de columna  
de ao pé  
do Castello

d'este. Diz o povo que a muralha era *um caminho muito bem feito por onde iam os Moiros para S. Christovam de Nogueira, porque a igreja d'esta terra foi feita pelos Moiros*. Lendas semelhantes se contam de outros castros. Fóra da muralha, numa encosta, houve uma casa romana: vi lá pedras lavradas, como de ombreiras de portas, numerosos cacos de *tegulas*, de *imbrices* e de vasilhas, e ainda entulhos que mostram que o respectivo edificio alluiu. Num campo perto d'esta casa vi uma base de columna de granito, da fôrma representada na fig. 3.ª, e outros restos de columnas. Por ahi ha um penedo *com um ferrolho*, como o povo diz, mas o *ferrolho* não passa de uma excavação em forma de T.

Não ha duvida que a região em que está a aldeia de S. Paio foi estação romana, e que houve ahi não meramente uma *villa*, mas uma aldeia, — um *vicus*.

Na minha excursão acompanhou-me o meu prezado amigo Nicola u Osorio Pereira Negrão, a quem mais uma vez agradeço os serviços que me prestou, facilitando-me as pesquisas archeologicas a que procedi, e a aquisição de alguns objectos para o Museu Ethnologico, entre os quaes se contam os que o Sr. Manoel Cardoso Mendes, estimavel proprietario do logar de S. Paio, com toda a liberalidade me deu.

Não é sem interesse transcrever aqui mais uma carta de Martins Sarmiento para Augusto Brochado. Refere-se a S. Paio, mas contém outros assuntos. Vae na integra.

«Guimarães — 11, 2, 1882. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Agradeço muito as interessantes noticias que me dá na sua carta. Sou capaz de jurar e até de apostar que o =Castello de S. Paio= não é outra cousa mais que uma povoação de origem pre-romana, do typo da Citania e de tantas outras que tenho encontrado, quer no Minho, quer na Beira.

Como sabe, entre nós (o povo), tudo o que é antigo pertenceu aos mouros, e, se substituímos o nome de Pagãos ao de Mouros, compreenderemos o resto. A lenda sobre o estratagemma que empregaram os christãos contra os mouros conta-se de muita parte e não tem valor. Esse estratagemma foi empregado por Hannibal, segundo contam os historiadores antigos, e provavelmente d'ahi é que os nossos antiquarios o applicaram a torto e a direito a outras partes. É uma especie de nariz de cera.

Mais valor, muito mais, podem ter as gravuras em rochedos, e, se V. Ex.<sup>a</sup> por acaso visitar aquelles sitios com attenção, não deixe de as copiar. Os circulos concentricos e as espiraes, os suasticas (卐), etc., tem a grande vantagem de estampillar, a bem dizer, os monumentos onde se encontram, dizendo-nos qual era a raça e o symbolismo religioso do povo que os construiu. O camartello (provavelmente machado) de bronze apparecido nos alicerces da ponte foi pena perder-se. Todo o objecto de bronze tem sempre merecimento, e na Beira abundam machados, punhaes, etc., d'esse metal. V. Ex.<sup>a</sup> fazendo correr que dá por elles mais 20 réis que qualquer outra pessoa, póde talvez dentro de pouco reunir uma bonita collecção. Nas igrejas, principalmente no chamado arco-cruzeiro, e ainda na cachorrada ha cousas muito curiosas, e eu entendo que a architectura que precedeu a gothica (ou pseudo-gothica), e que falsamente se chama romano-byzantina, contém muita cousa, ou pelo menos muitas reminiscencias de uma velha arte pre-romana, que existiu entre nós. Infelizmente velhas igrejas são poucas. É tambem ahi, que ainda apparecem inscripções romanas. Ainda ha pouco, na torre de uma igreja perto de Guimarães, achei por acaso uma inscripção com o nome de um Deus desconhecido e novo para os epigraphistas<sup>1</sup>. Isto explica-se pelas medidas tomadas pelos directores do christianismo desde certo tempo em deante, mandando que se não fizesse guerra nos logares sagrados do tempo do paganismo, mas que os *christianizassem*. Para mim é de fé que muitas das antigas igrejas foram fundadas sobre os destroços de templos pagãos e em logares consagrados aos velhos idolos, e o certo é que taes igrejas dão sempre alguma novidade. Ainda ha pouco numa igreja no Alemtejo, cahindo uma camada de cal que cobria as paredes, foram descobertas algumas inscripções novas ao deus «Endovellico». Pelo que vejo a Igreja de S. Christovam de Nogueira e immediações merecem muita attenção.

V. Ex.<sup>a</sup> pode crer que se não perderão noticias nenhuma que me communicar. E posso affirmar tambem que, se V. Ex.<sup>a</sup> começar a olhar

<sup>1</sup> [O deus *Durbedicus*: Cfr. *O Arch. Port.*, VI, 42.—J. L. de V.]

mais de perto para estas cousas, ha de ganhar-lhes gosto, porque o desconhecido tem sempre attractivos, e o nosso terreno archeologico é riquissimo e original.

Se V. Ex.<sup>a</sup> me encontrar algum prestimo, disponha de mim.

Com toda a estima — De V. Ex.<sup>a</sup> att.<sup>o</sup> ven.<sup>dor</sup> e m.<sup>to</sup> obg.<sup>do</sup> = F. Martins Sarmento <sup>1</sup>.

\*

A freguesia de S. Christovam de Nogueira é bastante rica em antigualhas romanas. Ahi tenho obtido para o Museu Ethnologico, a meu cargo, inscrições lapidares, objectos de barro e de pedra, etc., uns, com o auxilio das pessoas de quem já acima fallei (vid. pag. 70), outros por intermedio de meus bons amigos Christovam Pinto Brochado, da casa de Valbom, e Manoel Barbosa Pereira de Vasconcellos, de Outeiro do Lobo, ambos os quaes tem sido incansaveis em me obsequiar. Em occasião opportuna publicarei noticia desenvolvida de todos esses achados.

J. L. DE V.

### Novas mamôas da serra de Soajo

Em dezembro de 1902, aproveitando o ensejo de visitar meus velhos paes, em Arcos de Valdevêz, determinei verificar a existencia e a natureza de uns *outeiros*, em cujo cimo Fr. Lourenço do Valle descobrira *sepulcros*, conforme a noticia que deixou manuscrita no archivo parochial da freguesia do Valle, d'aquelle concelho (vid. *O Arch. Port.*, VII, 92-95). Marquei, portanto, para objectivo de uma excursão o sitio de *Prados*, onde estavam as taes antigualhas, e, como d'aquella mesma freguesia eu encontrava annotados no meu canhenho particular, como ponto para indagações, o *Alto das Pias*, por aqui fiz escala, e já veremos que com soffrivel resultado.

a) *Alto das Pias e suas vertentes* (5 mamôas ou talvez 9):

Em uma das abas pois d'este *Alto*, para O., ha uma portelinha formada pela baixa comprehendida entre elle e outro cabeça. Ahi se encontra, já meio desfeita e arrasada, mamôa desprovida de anta. É um montão de grosso cascalho e terra, que denunciam ainda a usual construcção. Como corpo de delicto, jazia no chão a metade de um tritu-

<sup>1</sup> [O original d'esta carta e o da precedentemente extractada foram-me facultadas pelo Sr. Christovam Brochado, irmão de Augusto Brochado].